

# **O INTERLOCUTOR E SUAS MANIFESTAÇÕES NAS PRODUÇÕES TEXTUAIS ESCRITAS NO ENSINO FUNDAMENTAL**

RAFAELA DE CÁSSIA FRANZOI (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ (UEM)).

## **Resumo**

Esta pesquisa, vinculada ao Grupo de Pesquisa “Interação e Escrita” (UEM/CNPq – [www.escrita.uem.br](http://www.escrita.uem.br)), teve o intuito de verificar as manifestações do interlocutor na produção textual escrita, em sala de aula, de Ensino Fundamental, delimitando o grau de importância desse elemento, que é considerado por Bakhtin (2003) o responsável pela compreensão responsiva ativa e um dos eventos essenciais para a realização de produção textual. Para isso, objetivou-se caracterizar: a) quais os elementos que demarcam a influência do interlocutor na produção textual, em sala de aula; b) como a ausência do interlocutor no comando de produção de texto se manifesta nos enunciados escritos dos alunos; c) se as noções de interlocutor real e virtual interferem e se revelam nesses enunciados concretos constituídos pelos educandos. Este estudo considerou o interlocutor/outro como uma das principais características para a construção da escrita, após a delimitação inicial da finalidade, como ensinam Bakhtin/Volochinov (1995) e Bakhtin (2003). Este trabalho investigou os textos escritos por estudantes da 7ª. série de um colégio de rede privada do município de Marialva, Paraná. Esta comunicação, subsidiada pelos pressupostos de Bakhtin/Volochinov (1995), Bakhtin (2003) e Vygotsky (1988), apresenta os textos analisados que demonstram que os alunos, mesmo não tendo a delimitação do interlocutor no comando para a elaboração do texto, demarcam imagens de outros em seus enunciados escritos, evidenciando que possuem internalizado o processo dialógico entre locutor e interlocutor, que é fundamental para a realização da atividade de escrita.

## **Palavras-chave:**

Produção textual, Interlocutor, Interação.

## **Introdução**

Com o intuito de verificar as manifestações do interlocutor na produção textual escrita, em sala de aula, de Ensino fundamental, delimitando o grau de importância desse elemento, que é considerado por Bakhtin (2003) o responsável pela compreensão responsiva ativa e um dos eventos essenciais para a realização de produção textual, que surgiu o propósito desta pesquisa, vinculada ao Grupo de Pesquisa “Interação e Escrita” (UEM/CNPq – [www.escrita.uem.br](http://www.escrita.uem.br)). Para isso, objetivou-se caracterizar: a) quais os elementos que demarcam a influência do interlocutor na produção textual, em sala de aula; b) como a ausência do interlocutor no comando de produção de texto se manifesta nos enunciados escritos dos alunos; c) atentar se as noções de interlocutor real e virtual interferem e se revelam nesses enunciados concretos constituídos pelos educandos.

Este estudo considerou o interlocutor/outro como uma das principais características para a construção da escrita. No entanto, torna-se importante ressaltar que essa essencialidade resulta da delimitação inicial da finalidade, como ensina Bakhtin/Volochinov (1995) e Bakhtin (2003), ao afirmar que todo enunciado deve, primeiramente, ter uma razão para ser elaborado e, por meio dessa razão, determinam-se o outro e o gênero textual.

Este trabalho investigou os textos escritos por estudantes da 7ª. série de um colégio de rede privada do município de Marialva, Paraná. Este artigo, subsidiado

pelos pressupostos de Bakhtin/Volochinov (1995), Bakhtin (2003) e Vygotsky (1988), apresenta os textos analisados que demonstram que os alunos, mesmo não tendo a delimitação do interlocutor no comando para a elaboração do texto, demarcam imagens de outros em seus enunciados escritos, evidenciando que possuem internalizado o processo dialógico entre locutor e interlocutor, que é fundamental para a realização da atividade de escrita.

### **Interação, escrita e interlocutor**

Ao realizar uma pesquisa que possui como intuito principal o estudo da produção textual escrita, é necessário considerar o caráter histórico da linguagem, sua diversidade externa e interna, descartando a possibilidade de entendê-la como uma unicidade lógica imanente, pois, de acordo com Garcez (1998), é uma atividade humana que sofre interferências temporais e depende profundamente do contexto em que ocorre, não podendo ser compreendida como simples produto dos sistemas cognitivos ou de tratamento das informações que são aplicadas no mundo, nem mesmo como resultados que surgem por meio de uma gramática de base biológica.

A linguagem é compreendida como uma forma de ação social constituída pela interação verbal, tornando-se justificável a importância da participação do outro na construção de textos escritos. Bakhtin/Volochinov (1995) versam que a forma e o estilo da enunciação são determinados pela situação e pelos participantes mais imediatos e a sua estrutura interna é constituída segundo “as pressões sociais mais substanciais e duráveis a que está submetido o locutor.” (p. 114). A interação verbal permite que os indivíduos denominam-se como sujeitos que constroem enunciados concretos, de acordo com a situação social, o contexto, a relação entre os interlocutores, as leis convencionais e o sistema de referência.

Por essa razão, argumenta-se que a função do enunciado é encaminhar-se a um interlocutor[1], na qual a palavra comporta duas faces, ao se determinar pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém, tornando-se um território comum do locutor e interlocutor. Nesse percurso, ela variará de acordo com a imagem desse outro, demonstrando que o enunciado, antes de ser exteriorizado, visa o seu destinatário. Torna-se essencial delimitar que esse discurso nunca será construído da mesma maneira para todos os tipos de interlocutores existentes. Por isso, destaca-se o importante papel do interlocutor na elaboração do enunciado e traça-se o direcionamento a alguém como elemento constitutivo do discurso, tendo os outros como ouvintes participativos, ativos da comunicação discursiva e não interlocutores passivos.

### **As manifestações do interlocutor nas produções textuais**

Para compreender como acontecem as manifestações do interlocutor na produção textual escrita de alunos, esta pesquisa investigou os textos escritos construídos por educandos da 7ª. série do Ensino Fundamental, de um colégio de rede privada do município de Marialva, Paraná. A escolha por essa série originou-se pelo fato de ser o início do último ciclo do Ensino Fundamental, pressupondo-se que as características para a produção da escrita já foram desenvolvidas.

Em relação ao critério para a escolha desses alunos, foram selecionados para a investigação: a) três alunos considerados como excelentes: que atingiram média final entre 9,0 a 10,0 pontos, na disciplina de Laboratório de Texto, no término do terceiro ciclo (6<sup>a</sup>. série); b) três alunos medianos: estudantes com média final entre 7,0 a 8,9 pontos; c) três alunos razoáveis: aprendizes que atingiram média final entre 6,0 a 6,9 pontos.

Foi adotado, segundo a direção do colégio e da coordenação pedagógica, o livro *Todos os Textos: uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos*, de Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, 7<sup>a</sup>. série, 3<sup>a</sup>. edição, Editora Atual, 2007. Esse foi material de apoio para elaborar as atividades prévias às produções textuais, como, também, suporte para a construção dos comandos que propiciaram a construção dos textos, que foram documentos para a investigação neste estudo.

A partir disso, organizou-se o planejamento bimestral, delimitando quais os textos que seriam utilizados como atividades prévias e construiu os comandos para a produção textual. Foram elaborados:

- a) um comando de produção de texto que não possui marca de interlocutor;
- b) uma proposta que não demarca, explicitamente, o interlocutor, mas, implicitamente, tem-se o professor como o outro;
- c) um enunciado de produção que apresenta um interlocutor real/ externo da sociedade;
- d) um comando de escrita com interlocutores real, virtual, externo da sociedade;
- e) uma proposta de construção de texto que não possui a delimitação do interlocutor.

Desse modo, tinham-se comandos de produções textuais com diferentes delimitações de interlocutores. Cada proposta de escrita resultou em textos que foram analisados. Neste artigo, apresentam-se as análises dos enunciados escritos, construídos pelos alunos H e I, segundo o primeiro comando, que não possuía marca de interlocutor.

Na primeira proposta de produção de texto, tinha-se o intuito de verificar a ausência do interlocutor nos enunciados escritos dos alunos. Para isso, solicitava-se que o estudante construísse uma crônica. Houve a desconsideração dos elementos necessários para condicionar uma escrita como produção de texto, ou seja, não se demarcou a finalidade, o interlocutor, o portador textual, segundo os ensinamentos de Bakhtin (2003).

Ao analisar os textos dessa primeira proposta, produzidos pelos alunos: H e I, observou-se que os educandos demarcaram imagens de interlocutores em seus enunciados escritos, sendo que o comando de produção textual não delimitava um interlocutor preciso.

O texto do aluno H:

### *O domínio das mulheres*

*Às vezes fico pensando, o que será que a mulher importa na nossa sociedade. Para mim acho que importa pouco, ou estou enganado? Mas como enganado se tem uma frase clássica “mulher ao volante, perigo constante. Às vezes fico em dúvida, porque ninguém completa esta frase, quando o homem interfere: “Homem do lado, perigo dobrado”. Mas agora tenho certeza que “elas” não são tão inúteis assim, porque no trânsito elas não querem se metidar, que nem os homens. Mas estou esquecendo de que quando precisa concerta o carro, retificar motor quem que faz tudo isto, os homens é claro. Mas o mundo muda tanto que elas estão invadindo estes espaços.*

*Às vezes, ou sempre, as mulheres são bem espertas, querem casar com homens bonitos e ricos só para não trabalhar e não economizar no cartão de crédito, inclusive jóias caras, de ouro que elas “não gostam”. Mas quando a classe é baixa são elas que limpam a casa, cuidam dos filhos, fazem a comida, lavam louça. É acho que me engano quando digo eu elas são “folgadas”. Quando chegamos cansado do trabalho, são estas pessoas do sexo feminino que agradam. E estas pessoas estão cada vez mais conquistando seu espaço, inclusive nos serviços pesados. E também há casos em que as Garotas recebem mais que nós.*

*Mas e os homens, vão ficar parados, deixando-as deita e rolar e conquistando nosso espaço. Bem enfim aquela pergunta que deixei no começo estava realmente enganado, pois as mulheres são extremamente importantes nas nossas vidas; e vão dominar o mundo.*  
(Aluno H, 7ª. série - 25/02/08)

Ao analisar as primeiras frases do texto, *“Às vezes fico pensando, o que será que a mulher importa na nossa sociedade. Para mim acho que importa pouco”*, verifica-se que o aluno iniciou seu discurso escrito, estabelecendo um diálogo com um interlocutor, que, provavelmente, o fez refletir sobre qual a importância da mulher na sociedade. Esse outro participante do processo dialógico, conseqüentemente, propiciou a constituição de uma resposta: *“Para mim acho que importa pouco”*. Ao utilizar o verbo achar, o locutor expôs sua opinião sobre a importância do papel da mulher na sociedade, interagindo com o seu interlocutor, demonstrando que a palavra procede de alguém com o propósito de se dirigir a alguém. Bakhtin/Volochinov (1995) ensinam que é a palavra que faz com que o locutor se defina em relação ao interlocutor. Tem-se, nesses primeiros enunciados do Aluno H, o início de um processo dialógico com o outro.

Posteriormente, ao questionar: *“ou estou enganado?”*, o educando permanece com esse processo dialógico com o interlocutor, que, possivelmente, possui uma opinião oposta à do locutor, induzindo-o a pensar que poderia estar enganado. No entanto, ao responder ao questionamento, o educando utilizou a conjunção adversativa *“Mas”* para posicionar-se opostamente ao interlocutor. Para enfatizar que, realmente, a mulher não possui papel importante na sociedade, o estudante acrescenta que *“As vezes fico em dúvida, porque ninguém completa esta frase, quando o homem interfere: ‘Homem do lado, perigo dobrado’.”*

Com isso, passa-se a refletir quem seria o leitor desse enunciado construído por esse aluno. A princípio, delimita-se como interlocutor/real a professora da sala de aula: única pessoa que iria ler o texto e que ocasionou discussões, durante a atividade prévia à produção, a respeito da posição machista do homem e qual a importância da mulher na sociedade. O interlocutor é real quando pertence ao mesmo contexto social do locutor, que se encontra presente no momento da constituição do enunciado e influencia diretamente na elaboração do discurso tanto oral quanto escrito, devido a sua presença face-a-face.

Ao considerar a professora como interlocutor/real, o educando H tenta enquadrar o seu enunciado escrito segundo o perfil desse outro/real, pois a professora assumiu uma posição feminista nas atividades prévias, demonstrando, ao recolher o texto construído, que iria corrigi-lo. Bakhtin/Volochinov (1995) versam que, ao encaminhar a palavra ao interlocutor, essa variará de acordo com o outro participante, existindo alterações no discurso ao se estabelecer a quem se refere. Por isso, ao colocar que *"Mas, agora tenho certeza que "elas" não são tão inúteis assim, porque no trânsito elas não querem se medir, que nem os homens"*, acredita-se que com a expressão *"Mas, agora"*, ele lembrou de enunciados que foram expostos pela professora, como, também, que esta era feminista, demonstrando que *"agora"* seria possível acreditar que a mulher pudesse ter algum valor na sociedade, pois a professora é do sexo feminino e se considera importante para a sociedade. No entanto, o aluno H volta a deixar marcas linguísticas nesse mesmo fragmento, demonstrando que, por outro lado, ainda há mulheres que são definidas como seres inúteis, ou seja, que não possuem nenhuma importância na sociedade. Comprova-se essa afirmação ao observar o pronome pessoal do caso reto *"ela"*, escrito entre aspas, representando que algumas mulheres não são tão inúteis, mas que há seres do sexo feminino inúteis. Além disso, o intensificador *"tão"* indica que elas não são totalmente inúteis, mas que continuam com uma porcentagem dessa característica.

Quando usou a expressão *"Bem enfim"*, deixou evidente que terminaria seu enunciado escrito, segundo o que agradaria o seu interlocutor/real/professora/feminista. O termo *"Bem"* suscita que, se em algum momento, no texto, ele se posicionou ao contrário do que a professora defendia, dever-se-ia anular essas colocações e considerar que ele estaria, realmente, enganado: *"Bem enfim aquela pergunta que deixei no começo estava realmente enganado, pois as mulheres são extremamente importantes nas nossas vidas; e vão dominar o mundo"*, pois, como expôs no título, as mulheres dominarão. H constituiu o seu discurso, de acordo com a imagem do seu interlocutor: ao atentar-se às expressões *"Bem enfim"*, observa-se que se tem uma marca de diálogo entre o locutor e interlocutor, resgatando os conceitos abordados por Bakhtin/Volochinov (1995), ao afirmarem que o enunciado tanto oral como escrito se constitui e varia de acordo com a delimitação do interlocutor.

A ausência do outro no comando para a construção dessa escrita ocasionou, também, a delimitação do homem/machista como interlocutor/virtual/externo. O interlocutor é virtual/externo quando pertence ao mesmo contexto social do locutor, influenciando-o diretamente na elaboração do enunciado, mas que não se encontra no momento da constituição do discurso, tendo sua imagem construída pelo locutor.

No último parágrafo do texto, dialogou-se com esse interlocutor/virtual/externo/homem machista ao declarar *"Mas e os homens, vão ficar parados, deixando-as deita e rolar e conquistando nosso espaço."*, em que o locutor H se enquadra como membro desse grupo, ao usar o pronome possessivo *"nosso"*, questionando os homens e si mesmo se ficariam parados, deixando as mulheres conquistarem os seus espaços.

Nesse texto, não se apresentaram marcas linguísticas que delimitassem um diálogo com outros tipos de interlocutores além do outro/real/professora/feminista e do interlocutor/virtual/externo/homem/machista.

O texto do educando I:

*“Direitos iguais ou diferentes?”*

*Na sociedade atual, eu, tenho observado muitas diferenças entre o homem e a mulher, mesmo que eles sejam da mesma espécie humana. Acho que isso é tão ridículo que acaba sendo idiota.*

*Eu, por exemplo, raramente vejo uma mulher na presidência de um país, talvez ela governe até melhor do que os homens. Tem uma outra questão também que eu acho estranha: uma menina, por exemplo, que fica com todo mundo, fica com fama, e muito mal falada. Agora veja um menino, ele pode ficar com Marialva, mas não terá mais fama que uma menina pegaria se ficasse com o colégio, às vezes, é até bonito para o grupinho do garoto.*

*Eu acho isso uma coisa muito estranha, por que todos temos direitos iguais na sociedade.*

*Eu mesma vou confessar, acho estranho ver uma mulher dirigindo com seu marido ao lado, sentado. Não sei bem o motivo, mas acho que é porque me acostumei com os homens ao volante.*

*Mas algumas coisas também não são muito vantajosas para os homens, por exemplo, aquele homem que trabalha o dia inteiro para ganhar seu dinheiro, chega em casa exausto no outro dia, cadê o dinheiro? Sim, meu caro, sua esposa*

*gastou tudinho. Geralmente a mulher gasta o dinheiro que o homem ganhou com tanto sacrifício!*

*Mas algumas vezes, enquanto o folgado do homem dorme, a mulher está lá, limpando a bendita casa! O homem nem para ajudar a limpar a casa serve, com exceção de alguns, enquanto a mulher limpa a casa ele está lá sentado no sofá vendo seu futebol! Nem para fazer uma comidinha esse cidadão serve!*

*Não estou criticando os homens porque sou mulher, só estou comentando que ando percebendo na sociedade.*

*Será que um dia seremos iguais, tendo assim direitos iguais?*

(Aluno I, 7<sup>a</sup>. série – 25/02/08)

Ao iniciar a análise do texto produzido pelo aluno I, atenta-se que o título é uma pergunta: *“Direitos iguais ou diferentes?”*, feita a alguém, com o objetivo de obter uma resposta, que virá de um destinatário, pois toda compreensão plena e real, como versa Bakhtin (2003), é de caráter ativo e responsivo independente da forma em que ela se dê: ao constituir um enunciado se espera “uma resposta, uma concordância, uma participação, uma execução etc.” (p.272). Considera-se que se utilizam as aspas para indicar que o enunciado não é constituído pelo locutor que o declara.

Ao retomar a atividade prévia mediada pela professora, no qual o assunto discutido foi sobre os direitos iguais entre homens e mulheres, acredita-se que esse enunciado, que constitui o título, pode ter sido elaborado pela professora e utilizado pelo aluno em seu texto.

Com isso, ao atentar-se para o primeiro parágrafo: *“Na sociedade atual, eu, tenho observado muitas diferenças entre o homem e a mulher, mesmo que eles sejam da mesma espécie humana. Acho que isso é tão ridículo que acaba sendo idiota”*, tem-se o educando dialogando com esse interlocutor, que elaborou o discurso que foi utilizado como título, colocando-se entre aspas. Nesse momento, o locutor respondeu se os direitos são iguais ou diferentes, estabelecendo uma comunicação com um outro que, provavelmente, construiu a pergunta: *“Direitos iguais ou diferentes?”*; pois o discurso, segundo Bakhtin (2003), não está voltado somente ao seu objeto, mas refere-se ao enunciado do outro sobre esse objeto, propiciando um aspecto dialógico entre falante e ouvinte, que busca atingir a compreensão responsiva ativa.

Ao supor que a única pessoa que leria esse texto seria a professora da sala de aula, com um perfil feminista, o discurso escrito encaminhou-se a essa educadora. O estudante enquadrou seu enunciado segundo a imagem que possuía desse interlocutor/real/professora/feminista, declarando-se, também, feminista ao expor: *“Acho que isso é tão ridículo que acaba sendo idiota.”*, posteriormente, ao exemplificar que é muito ridícula a diferença entre o homem e mulher, pois as mulheres poderiam agir muito melhor que os homens: *“Eu, por exemplo, raramente vejo uma mulher na presidência de um país, talvez ela governe até melhor do que os homens”*. Nesse fragmento, realiza-se o que Bakhtin/Volochinov (1995) ensinam: ao dirigir a palavra ao outro, essa variará de acordo com esse outro participante, que desencadeiam alterações no discurso oral e escrito ao se estabelecer a quem se refere, a que grupo pertence, se possui relação com o locutor. Torna-se possível afirmar que a professora/feminista é o interlocutor/real, com quem o educando estabeleceu um diálogo, defendendo uma atitude, também, feminista.

No terceiro parágrafo do texto, I evidenciou que considerava a desigualdade algo muito estranha: *“Tem uma outra questão também que eu acho estranha: uma menina, por exemplo, que fica com todo mundo, fica com fama, e muito mal falada. Agora veja um menino, ele pode ficar com Marialva, mas não terá mais fama que uma menina pegaria se ficasse com o colégio, às vezes, é até bonito para o grupinho do garoto.”*, pois os direitos são iguais: *“Eu acho isso uma coisa muito estranha, por que temos direitos iguais na sociedade”*. Nesse momento, observa-se que o aluno tentou responder, novamente, a pergunta instaurada no título, colocando-se como integrante do grupo que defende os direitos iguais: *“temos direitos iguais”*, exemplificando o porquê de considerar *“tão ridículo que acaba sendo idiota”* as diferenças entre homens e mulheres.

No quinto parágrafo do texto, o aluno I passou a delimitar, como fez o estudante H, uma outra imagem de interlocutor, que não era a professora da sala de aula. Evidencia-se que, nesse momento, ele parou de dialogar com o interlocutor/real/professora/feminista e passou a questionar um outro/virtual/externo/homem: *“Mas algumas coisas também não são muito vantajosas para os homens, por exemplo, aquele homem que trabalha o dia inteiro para ganhar seu dinheiro, chega em casa exausto no outro dia, cadê o dinheiro?”*. Esse diálogo com o outro/virtual/externo/homem pode ser claramente observado quando ele respondeu para esse outro participante: *“Sim, meu caro, sua esposa gastou tudinho. Geralmente a mulher gasta o dinheiro que o homem ganhou com tanto sacrifício!”*. As expressões *“meu caro”*, *“sua esposa”* confirmam esse tipo de interlocutor. No penúltimo parágrafo: *“Não estou criticando os homens porque sou*

*mulher, só estou comentando que ando percebendo na sociedade.*”, detecta-se, novamente, uma interação comunicativa com esse interlocutor/virtual/externo/homem: ao afirmar que *“Não estou criticando os homens porque sou mulher”*, o locutor estaria negando uma possível afirmação masculina de que se criticam os homens porque o falante I era uma mulher. Justifica-se, portanto, a presença de um interlocutor/virtual/externo/homem que propiciava uma possível compreensão responsiva ativa, segundo os pressupostos bakhtinianos.

No entanto, o texto analisado não apresenta apenas esse tipo de interlocutor/virtual/externo, tem-se, também, a imagem de outro/virtual/externo, como sendo as mulheres/donas-de-casa: *“Mas algumas vezes, enquanto o folgado do homem dorme, a mulher está lá limpando a bendita casa! O homem nem para ajudar a limpar a casa serve, com exceção de alguns, enquanto a mulher limpa a casa ele está lá sentado no sofá vendo seu futebol! Nem para fazer uma comidinha esse cidadão serve!”*. O locutor I também dialoga com um interlocutor/virtual/externo/mulher, especificamente, dona de casa, criticando o homem e demonstrando sua posição feminista, concordando, possivelmente, com o discurso de mulheres que são donas-de-casa e que possuem um marido folgado. Ao usar as expressões como, por exemplo: *“o folgado do homem dorme”*, *“O homem nem para ajudar”*, justificam essa afirmação.

No fragmento final de seu texto, ao usufruir do verbo na primeira pessoa do plural: *“seremos”*: *“Será que um dia seremos iguais, tendo assim direitos iguais?”*; é possível declarar que o estudante I delimita, além da professora/feminista, as colegas da sala de aula como interlocutores/reais, pois o verbo se refere ao pronome pessoal do caso reto, nós, que inclui o locutor e os outros seres que ocupavam aquele ambiente da construção da escrita.

Nesse texto produzido pelo educando I, não se apresentaram marcas linguísticas que delimitassem um diálogo com outros tipos de interlocutores além dos interlocutores/reais: professora/feminista e colegas da sala de aula; outros/virtuais/externos: homens e mulheres/donas-de-casa.

Observa-se que, mesmo não apresentando uma possível imagem de interlocutor no comando de produção textual, os alunos delimitaram interlocutores reais e virtuais, demonstrando o que Bakhtin/Volochinov (1995) e Bakhtin (2003) ensinam: o enunciado se constitui do fenômeno social da interação verbal entre locutor e interlocutor, em que a palavra varia de acordo com a imagem que se estabelece do outro com o qual se dialoga, com o propósito de atingir a compreensão responsiva ativa.

## **Conclusão**

As análises realizadas evidenciaram que os alunos, mesmo não possuindo uma imagem de interlocutor delimitada, buscam demarcar um outro que participa do processo dialógico. Na prática se verificam os ensinamentos de Bakhtin/Volochinov (1995) e Bakhtin (2003), quando versam que a palavra comporta duas faces, pelo fato de que se procede de alguém e pelo fato de que se dirige a alguém, na qual o locutor se define como sujeito ao interagir com esse interlocutor. Dessa forma, os alunos H e I, quando definiram os seus interlocutores, tinham o intuito de se constituir como sujeito num contexto social.

As análises dos discursos escritos pelos locutores H e I demonstraram que as influências dos interlocutores podem ser verificadas por elementos como: frases interrogativas; conjunção adversativa; pronomes possessivos e demonstrativos; aspas; omissões de informações; discursos pedagógicos, mediáticos e moralistas; gírias; estrangeirismos; linguagens informais; vocativo; adjetivos. A não delimitação do interlocutor nos comandos para a constituição da escrita ocasiona a demarcação, automaticamente, da professora da sala de aula como interlocutor/real com função de avaliador, como, também, ocasiona a presença de vários interlocutores em um mesmo enunciado, dificultando a escolha das estratégias para se dizer o que se tem a dizer, segundo Geraldi (1997).

## Referências

Apostila Dom Bosco. Língua Portuguesa, 7<sup>a</sup>. série/8<sup>o</sup> ano.

BAKHTIN; VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7.ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4.ed. São Paulo : Martins Fontes, 2003.

GARCEZ, L. H. C. *A escrita e o outro: os modos de participação na construção do texto*. Brasília : UNB, 1998.

GERALDI, J. W. Da redação à produção de textos. *In.*: GERALDI, J. W.; CITELLI, B. (Orgs.). *Aprender e ensinar com textos de alunos*. Vol. 1. São Paulo : Córtes, 1997, p. 17-24.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 2.ed. São Paulo : Martins Fontes, 1988.

---

[1] O termo 'interlocutor' é utilizado, com maior frequência, na obra de Bakhtin/Volochinov (1995), ao contrário do que se observa em Bakhtin (2003), que apresenta o termo 'outro', ao referir-se àquele que estabelece a compreensão responsiva ativa no processo de interação verbal.